

A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO SINTÁTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Gabriela Barreto de Oliveira (UFF)

Edila Vianna da Silva (UFF)

edilavianna@gmail.com

RESUMO

Objetiva-se neste trabalho investigar o tratamento dado à variação sintática no livro didático. A pesquisa consistiu na apreciação dos compêndios didáticos de preferência dos docentes no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). As propostas de trabalho desses manuais foram analisadas para verificar se refletem o resultado dos modernos estudos linguísticos, no que se refere à variação, proporcionando assim um ensino mais rico da língua materna. No entanto, no que tange à variação sintática, especificamente, constatou-se que as coleções analisadas ainda a tratam de modo superficial. Os exercícios propostos restringem-se, na maioria das vezes, à identificação das variedades linguísticas empregadas e à transferência das estruturas para a variedade padrão. Os manuais não provocam questionamentos sobre a adequação do emprego de quaisquer das variedades em uso, de modo que o trabalho com a variação linguística fica empobrecido e pouco contribui para o desenvolvimento da competência discursiva do educando. É imprescindível que se levem em consideração os estudos sociolinguísticos que mostram a existência de variantes de fatos sintáticos, já largamente empregadas no português do Brasil. Vale ressaltar que o livro didático é um instrumento importante no processo de ensino/aprendizagem e, sem dúvida, é um dos materiais didáticos mais presente nas salas de aulas, devido à distribuição de obras didáticas aos alunos da rede pública de ensino brasileira através do PNLD. Portanto, os materiais didáticos devem ser elaborados de forma a ampliar a competência linguística dos alunos, conforme preconizam os PCNs.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Variação sintática. Livro didático.

1. Introdução

Objetiva-se neste trabalho investigar o tratamento dado à variação sintática no livro didático. A opção por utilizar o Livro Didático de Língua Portuguesa como *corpus* nesse estudo não tem a pretensão de avaliar as obras, mesmo porque elas já foram aprovadas pelo processo de seleção do PNLD, que é realizado por uma equipe de especialistas de diferentes universidades brasileiras convidados pelo MEC para examiná-las e julgar a sua qualidade. A proposta é investigar as propostas de trabalho desses manuais para verificar se estão baseadas nos modernos estudos linguísticos, no que se refere à variação linguística, proporcionando assim um ensino mais rico da língua materna.

No que respeita ao ensino de língua materna, as seções dos materiais didáticos dedicadas aos conteúdos gramaticais e, em especial, as que tratam de sintaxe, recebem muitas críticas em função de se fundamentarem em um conceito de ensino de língua apoiado no reconhecimento de nomenclaturas gramaticais e não no próprio funcionamento da linguagem.

Não se pode ignorar a relevância da prática de análise linguística para o ensino de Língua Portuguesa, tema discutido por pesquisadores e educadores há décadas. É crença geral, no entanto, que para ter sentido, não se pode proceder a um tipo de análise inócua, desligada do contexto em que se produziu o texto objeto de análise. Por outro lado, é imprescindível que se levem em consideração os estudos sociolinguísticos que mostram a existência de variantes de fatos sintáticos, já largamente empregadas no português do Brasil.

Diante dessa problemática e com o objetivo de verificar se o material usado como auxiliar no ensino de Português e os resultados da pesquisa sociolinguística na área da sintaxe, analisamos as quatro coleções de Língua Portuguesa de preferência dos docentes do segundo segmento do Ensino Fundamental (de acordo com o Programa Nacional do Livro Didático), nas partes referentes ao estudo dos fatos sintáticos do português do Brasil. Pretendemos, dessa forma, observar o papel do livro didático em relação à variação sintática e refletir sobre as consequências dos procedimentos sugeridos para o desenvolvimento linguístico do aluno.

2. *Considerações gerais sobre as coleções analisadas*

Os livros analisados (*Projeto Teláris: Português*, de Borgatto, Bertin, e Marchezi, 2012; *Jornadas. Port – Língua Portuguesa*, de Delmanto, Matos e Carvalho, 2012, *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães, 2012; *Vontade de saber português*, de Bugnerotto e Alves, 2012) apresentam seus princípios teóricos e metodológicos em seções gerais no LIVRO DO PROFESSOR. Com pequenas diferenças, uma vez que cada um deles enfatiza certos aspectos de sua fundamentação teórica, os autores desses manuais são unânimes em afirmar que suas coleções são contribuições para o aluno dominar as condições de linguagem que possam torná-lo um leitor/produzidor de textos autônomo, proficiente e crítico.

Quanto ao ensino do conteúdo gramatical, especificamente dos fatos sintáticos, os autores preconizam a *gramática no texto*, que entendem como *ensino contextualizado de gramática*, considerando-se contexto

como um texto em que se verificam determinados usos da língua. Podemos adiantar que nem sempre as noções expostas aparecem concretizadas nas seções gramaticais a elas atinentes, onde se encontram – ou deveriam encontrar-se – as observações sobre o emprego das variantes sintáticas.

Em *Português: Linguagens*, Cereja e Magalhães, ao tratarem das condições de variação, salientam que, em sua coleção, o objetivo do ensino de gramática é ampliar o domínio da língua escrita e oral nas mais diferentes situações sociais e justificam a escolha dos conteúdos comentados como aqueles que podem levar o estudante a perceber que a língua se constitui de diversas variedades linguísticas e que elas podem ser mais ou menos adequadas, de acordo com a situação em que forem utilizadas. Pretendem que os estudantes compreendam melhor o funcionamento da língua, de modo a distinguir os efeitos de sentido nos enunciados decorrentes das escolhas linguísticas que se fazem na construção do discurso.

Posição análoga defende a coleção *Projeto Teláris: Português*, quando salienta que as escolhas de linguagem, de formas de dizer, se concretizam nos gêneros textuais, que, em função de circunstâncias diversas, intenções particulares, destinatários diferenciados, alteram também as configurações de linguagem.

Na coleção *Vontade de Saber Português*, o estudo da variação linguística encontra-se dividido em dois capítulos, um no livro do sexto ano e outro no livro do sétimo. Os fatos sintáticos são abordados de acordo com o que preconiza a gramática normativa e, algumas vezes, são expostos de forma mais atualizada com base em resultados das pesquisas sociolinguísticas sobre o português brasileiro. De acordo com o Guia do Livro Didático (BRASIL, 2013),

(...) o eixo de conhecimentos linguísticos tenta se voltar para alguma reflexão sobre os fatos linguísticos, apesar de a perspectiva adotada, com frequência, ser a da gramática normativa, e o domínio de uma metalinguagem o objetivo último dessa reflexão. (BRASIL, 2013, p.116)

Na coleção *Jornadas.port*, os pressupostos teóricos e metodológicos expostos no Livro do Professor coincidem com os das demais obras analisadas e manifestam preocupação com a formação do aluno como leitor e produtor de textos eficientes. O trabalho com a variação linguística aparece nos volumes do sexto e, de modo mais significativo, no livro do sétimo ano. Os autores reconhecem a existência de variedades no português do Brasil, entre elas as variedades urbanas de prestígio, tanto que, na página 151, na seção *Para lembrar*, resume uma das lições do livro do sétimo ano:

Para lembrar

- A língua portuguesa não é empregada do mesmo modo por todos os falantes. As variações que ela apresenta conforme a região e a época em que é falada ou conforme a idade, a escolaridade e o grupo social a que pertence o falante são chamadas de **variedades linguísticas**. Existem, então, variedades regionais, históricas etc.
- Costuma-se chamar de **norma-padrão** (ou português-padrão) um modelo ideal da língua portuguesa, que normatiza seu uso, tanto oral como escrito, proporcionando uma relativa estabilização linguística.
- Entre as inúmeras variedades do português, existem algumas, usadas pelos falantes urbanos que desfrutam de maior prestígio político, social e cultural, e que se convencionou chamar de **variedades urbanas de prestígio**.
- De forma geral, pode-se dizer que os gêneros formais e públicos exigem o emprego de variedades próximas da norma-padrão, enquanto nos gêneros relacionados a situações descontraídas emprega-se uma linguagem também mais descontraída.

3. *Variação sintática na coleção – Projeto Telaris – Português* (BORGATO; BERTIN; MARCHEZI)

Selecionamos para exemplificar nesse artigo a análise realizada da coleção *Projeto Telaris – Português*.

Os conhecimentos gramaticais objeto de descrição são expostos na seção “Língua: usos e reflexão”. De acordo com o Guia do Livro Didático, os aspectos linguísticos analisados são vinculados às escolhas de linguagem realizadas pelas autoras, mas observam-se em algumas partes da obra atividades que não se encontram bem contextualizadas, distanciando-se das situações de uso. Na apresentação de alguns tópicos gramaticais, as autoras apresentam, além das regras da gramática normativa, variantes da norma culta e das normas não-padrão, o que propicia ao aluno uma visão mais ampla das normas existentes na língua. No entanto, o que poderia ser um fator positivo para o combate ao preconceito linguístico, muitas vezes é anulado pela recorrente confusão feita em todos os volumes da obra entre variação social e variação estilística. Como exemplo, vejam-se, nos quadros a seguir, as descrições do emprego da voz passiva, da locução pronominal *a gente* e do emprego do pretérito mais que perfeito.

As autoras não comentam o fato de que se assinala a tendência também na linguagem formal e até em textos escritos.

Na linguagem coloquial, há uma forte tendência ao emprego da voz passiva sintética com o verbo no singular, mesmo estando o sujeito no plural. Observe:

Linguagem coloquial	Linguagem formal
Vende-se carros.	Vendem-se carros.
Aluga-se bicicletas.	Alugam-se bicicletas.
Espera-se para amanhã os soldados que foram para o Iraque.	Esperam-se para amanhã os soldados que foram para o Iraque.

O pretérito mais-que-perfeito pode ser **simples** ou **composto**. A forma simples é pouco comum na linguagem informal, do dia a dia, principalmente na língua oral. No lugar dela usa-se mais comumente a forma composta, como a do exemplo: *havia comprado* ou *tinha comprado*.

Meu pai comprara o disco e o trouxe para casa [...]

↓
pretérito mais-que-perfeito simples

4. Vamos ver, a seguir, o uso da expressão *a gente* como sujeito.

a) Leia uma estrofe da canção "É", composta por Gonzaguinha:

"É,
A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer o nosso humor
A gente quer do bom e do melhor
[...]"

GONZAGUINHA, É. Intérprete: Gonzaguinha. In: *Simples saudade*. [s.l.]: BMG, 2001. 1 CD. *Falando*.

b) Qual é o sujeito comum a todos os versos? *A gente*.

c) Se quiséssemos um texto mais formal, que palavra poderia substituir esse sujeito? *Nós*.

d) Reescreva o segundo verso fazendo a substituição. *Nós queremos valer o nosso amor*.

e) Qual das duas formas — a original ou a reescrita — você considera mais expressiva para transmitir a ideia dos versos? *Prof. (a), é importante que o aluno perceba que o uso da linguagem informal nesses versos reforça o caráter mais coloquial e mais próximo do público.*

• Considere este outro anúncio publicitário:

Na atividade proposta, as autoras, mais uma vez, reduzem as variações aos seus aspectos de formalidade x informalidade.

De acordo com o próprio Guia do LD (BRASIL, 2013:119), nessa coleção, especialmente no livro do nono ano, exploram-se muito os conteúdos gramaticais e pouco a VL.

(...) uma vez estabelecido o conceito em foco, a abordagem segue, em geral, uma perspectiva predominantemente transmissiva, pautada no ensino de metalinguagem. O adensamento progressivo dos conteúdos gramaticais trabalhados na coleção chega a ápice no volume do 9º ano, quando se pretende abarcar toda a sistematização de sintaxe referente a orações coordenadas e subordinadas, prejudicando o equilíbrio na distribuição da matéria. Nesse contexto, pouca atenção é dada à variação linguística. (BRASIL, 2013, p.119)

Assim as autoras abordam os fenômenos gramaticais de forma bem tradicional. As variedades linguísticas são mencionadas poucas vezes e, nas raras vezes em que são citadas, são relacionadas à informalidade.

No livro do sexto ano, os pronomes pessoais são apresentados da seguinte maneira.

Na Língua Portuguesa, os pronomes pessoais dividem-se em pronomes pessoais retos e oblíquos. Veja na tabela a seguir quais são esses pronomes.

Pronomes pessoais			
		retos	oblíquos
1ª pessoa	singular	eu	me, mim, comigo
	plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa	singular	tu	te, ti, contigo
	plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa	singular	ele, ela	o, a, lhe, se, si, consigo
	plural	eles, elas	os, as, lhes, se, si, consigo

Conforme se pôde observar, na coluna dos pronomes retos, não há nenhuma menção quanto ao raro emprego do pronome *vós* e ao grande uso dos pronomes *você*, *vocês* e da expressão *a gente*. Na página 176 do

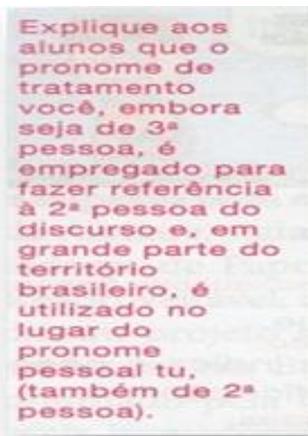
As transformações do "você"

Antigamente, quando uma pessoa se dirigia a outra de maneira cerimoniosa, ela empregava o pronome de tratamento **Vossa mercê**. Com o passar dos anos, esse pronome sofreu modificações, passando pelas formas **vos-mecê**, **vancê**, até chegar ao pronome que conhecemos atualmente: **você**.

Hoje é possível perceber que esse processo de transformação continua ocorrendo quando empregamos a forma simplificada **cê** na fala ou quando usamos **vc** na internet (em salas de bate-papo, nas redes sociais).



No entanto, no manual do docente, nessa mesma página há uma observação para o professor.



Explique aos alunos que o pronome de tratamento *você*, embora seja de 3ª pessoa, é empregado para fazer referência à 2ª pessoa do discurso e, em grande parte do território brasileiro, é utilizado no lugar do pronome pessoal *tu*, (também de 2ª pessoa).

Quanto à classe dos pronomes no português brasileiro, Ilari e Basso (2011, p. 115) constatam que

A subclasse dos pronomes pessoais continua sendo representada pelas gramáticas como composta de três pessoas no singular (*eu, tu, ele/ela, o/a, lhe*) e três pessoas no plural (*nós, vós, eles/elas, os/as, lhes*). De fato, o pronome *vós* só sobrevive em gêneros escritos muito formais e arcaizantes (por exemplo, algumas reedições da Bíblia); *tu* tem presença regional, alternando ou não com *ocê* [...]

Na maior parte do território brasileiro, o sistema dos pronomes pessoais inclui os pronomes-sujeitos *eu, você, ele/ela, nós, vocês, eles/elas*, e *nós* alterna com *a gente*. (ILARI; BASSO, 2011, p. 115)

Assim, ao omitir-se do aluno uma informação tão importante sobre a variação linguística no Brasil, colocando-a apenas como uma nota ao professor, compromete-se a compreensão do educando do verdadeiro conjunto dos pronomes pessoais usado pela maioria dos falantes do Brasil.

Ao abordar a colocação pronominal, no volume do nono ano, as autoras reproduzem fielmente as regras da gramática normativa — embora, no início da exposição do assunto, explicitem que serão apresentadas “regras da norma urbana de prestígio”.

Veja, a seguir, algumas regras da norma urbana de prestígio para a colocação dos pronomes oblíquos átonos na frase. **Explique aos alunos que esta forma de mesóclise tende a desaparecer no português brasileiro. Na língua falada, ela está praticamente em desuso. Para substituí-la, costuma-se usar um verbo auxiliar junto com o principal: compraria = teria comprado; comprarei = vou comprar etc.*

Próclise

No recorte acima, observa-se uma nota ao professor, instruindo-o a explicar ao aluno que a mesóclise “tende a desaparecer no português brasileiro. Na língua falada, ela está praticamente em desuso”. Ou seja, mais uma vez, uma informação que deveria ser passada ao aluno é colocada no livro do professor como uma simples observação, como se fosse algo sem muita importância, que não merece muita atenção.

Já na explicação sobre o uso da ênclise, as autoras afirmam que ela é usada “quando o verbo inicia a oração” ou “quando o verbo, no interior da oração, é precedido de pausa”.

Ênclise

- A ênclise é usada nas situações a seguir
Quando o verbo inicia oração
Emocionei-me com a história de Anne Frank, a garota que escreveu um diário sobre sua vida durante a Segunda Guerra Mundial

Quando o verbo, no interior da oração, é precedido de pausa.
Clara, **conte-lhes** sobre a vida de Anne Frank. Tenho certeza de que as crianças ficarão sensibilizadas.

pausa



4. Considerações finais

A pesquisa mostrou que a variação sintática ainda é tratada de modo superficial nas coleções analisadas. Os exercícios aplicados em sala – quase sempre sugeridos pelos manuais didáticos – restringem-se, na maioria das vezes, à identificação das variedades linguísticas empregadas e à transferência das estruturas para a variedade padrão. Os manuais não provocam questionamentos sobre a adequação do emprego de quaisquer das variedades em uso, de modo que o trabalho com a VL fica empobrecido e pouco contribui para o desenvolvimento da competência discursiva do educando.

A análise dos LD aponta também a concentração do trabalho com a variação diatópica, em especial, na abordagem do léxico. É possível notar que o preconceito, mesmo que velado, ainda está presente. A diversidade linguística regional é vista ainda, em muitos casos, de forma estereotipada, o que se pode comprovar, facilmente, nas inúmeras atividades com tirinhas do Chico Bento e poemas de Patativa do Assaré, em que se pede aos alunos que identifiquem marcas de dialetos regionais que em nada correspondem à realidade linguística que, supostamente, se quer retratar. Visualiza-se, portanto, com nitidez um tratamento tendencioso dos dialetos regionais.

Um outro ponto crítico em todas as coleções analisadas é a ausência de propostas que contemplem o combate ao preconceito linguístico. É preciso despertar os educandos quanto às questões sociais que levam à valorização de determinados dialetos e à estigmatização de outros. Para isso é necessário que sejam propostas atividades que os conscientizem de que a única diferença entre uma variedade diastrática e outra é o lugar social de quem as usa.

No que respeita à sintaxe, muitos fatos em variação deixam de ser comentados, talvez porque, de acordo com Cereja e Magalhães, ainda não se tenha, nos estudos de linguagem atuais, uma proposta de ensino de gramática completa, que dê conta das mais variadas situações de uso da língua (MANUAL DO PROFESSOR, p. 296).

Dessa forma, entende-se que a prática do ensino do português como língua materna entre nós evoluiu, embora continue a haver pontos que precisam ser revistos. Sai fortalecida, também, em função da leitura e da pesquisa empreendidas, a convicção de que é fundamental ensinar-se a norma-padrão, pelas muitas razões aqui apontadas, mas que é igualmente importante que se tenha a clareza de que o dialeto de origem compõe a

própria identidade do falante e que se deve cuidar para que a prática docente expresse inequivocamente esse posicionamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Guia de livros didáticos – PNLD Anos Finais*. Brasília, DF, 2013.

_____. *Coleções mais distribuídas por componente curricular – ensino fundamental*. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>>.

BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Projeto Teláris – português, 6º ao 9º ano*. São Paulo: Ática, 2012.

BUGNEROTTO, Tatiana; ALVES, Rosimeire. *Vontade de saber português, 6º ao 9º ano*. São Paulo: FTD, 2012.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Amália Cochar. *Português: linguagens, 6º ao 9º ano*. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

DELMANTO, Dileta Antonieta; CARVALHO, Laiz Barbosa. *Jornadas.Port– língua portuguesa, 6º ao 9º ano*. São Paulo: Saraiva, 2012.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2011.